





O Edital de Artes Visuais 2013/2014 é um programa que, integrado a outras acões da Fundação Clóvis Salgado, vem reafirmar o compromisso da Instituição em manter-se atenta e receptiva ao movimento artístico atual, contribuindo para que uma parcela significativa de sua produção seja acolhida com infraestrutura profissional e condições de visibilidade. O Edital é um marco importante para o fortalecimento da parceria entre a Instituição e os artistas. Nesse encontro, a FCS se renova, atualiza seu papel público e se disponibiliza às reflexões e embates que o encontro com a produção contemporânea apresenta. Para o artista é o momento de colocar o trabalho à mostra, dialogar com o público e enfrentar as questões que esse exercício de exposição provoca.

Os projetos selecionados pela comissão formada por pesquisadores, críticos e curadores revelam um olhar atento sobre a produção contemporânea. Assim, é com grande satisfação que a Fundação Clóvis Salgado recebe a exposição Leilão de Arte R\$1.99. do coletivo Piolho Nababo. Já enraizada no cenário artístico em Belo Horizonte, a iniciativa contempla e agrega todos os interessados sem quaisquer restrições, convidando-os a ser agentes no sistema da arte e a recriarem e expandirem os modos e caminhos que viabilizam esse sistema. Esta exposição/performance incita a Instituição a pensar sobre os códigos de legitimação da arte contemporânea da qual ela participa e a compartilhar com o público questões pertinentes ao campo da arte, da cultura e do mundo contemporâneo.

Sejam todos bem-vindos!

Fabíola Moulin Mendonça
Diretora de Programação

Fernanda Machado

Presidente da Fundação Clóvis Salgado

"Boa noite. Começamos agora mais uma edição do Leilão de Arte Piolho Nababo R\$1,99. Para aqueles que nunca foram a um leilão de arte, aviso que é tudo muito simples — é como nos filmes. Primeiro, nós apresentamos o trabalho, seguido de nome do artista, titulo e técnica. Em seguida, nós damos início aos lances da platéia, que devem partir de R\$1,99. Aquele que der o maior lance, leva a obra. Ah. não vale centavos!"

Foi em maio de 2011, há quase três anos, que o Cabaré Cultural Nelson Bordello recebeu a primeira edição do Leilão de Arte Piolho Nababo R\$1,99. Como uma faísca crítica e bem-humorada ante o pomposo cenário da arte contemporânea brasileira, o evento surgiu em meio à intensa programação da Galeria de Arte Piolho Nababo, que àquela altura completava seis meses de funcionamento em uma pequena sala do Edifício Maletta, o Espaço Ystilingue.

Avessa à cobrança de taxas e comissões, aberta à participação de qualquer artista interessado em expor seu trabalho, a pequena galeria rapidamente viu suas paredes se encherem de desenhos, esculturas, pinturas, objetos e impressões realizadas por numerosos criadores da cidade. Ainda que não houvesse qualquer tipo de curadoria em relação a esses trabalhos, ficou logo clara a vocação da Galeria de Arte Piolho Nababo para a reunião de trabalhos atravessados por temáticas políticas, sociais e contestadoras, muitas vezes assumindo estéticas experimentais e inovadoras, não raro relacionadas a linguagens e suportes da arte de rua, tais quais o grafite, o estêncil, o cartaz e a criação a partir de objetos e materiais encontrados.

Mesmo contando com liquidações semanais, comumente acompanhadas por DJs, performances e cerveja vendida em isopor, o gigantismo do acervo não tardou a exigir uma nova estratégia de vazão. Surgiu, nesse contexto, o Leilão de Arte Piolho Nababo R\$1,99. Apropriando-se do mesmo espírito anarquista e irreverente que já caracterizava a galeria, o evento multiplicou-se, desde então, em mais de dez edições, realizadas em espaços como o próprio Nelson Bordello, além da Quina Galeria, do Teatro Espanca! e da Casa Vadia — uma edificação prestes a ser demolida, como tantas outras em diferentes capitais brasileiras. Nesse meio tempo, inclusive, o evento chegou às ruas de Fortaleza, onde ganhou uma edição especial realizada a céu aberto, com os trabalhos afixados em um esquecido muro da cidade.

Em linhas gerais, a criação da galeria e, mais tarde, do leilão, surgiu como resposta ao vigente sistema das galerias comerciais de arte, principais responsáveis pela mediação entre obras, artistas e possíveis consumidores. Temporária, desprovida de objetivos financeiros e dedicada à arte de caráter experimental e transgressor, a Galeria de Arte Piolho Nababo, assim como seus desdobramentos, podem ser tratados como espaços que funcionam a partir de uma lógica distinta da que rege o mercado.

É com esse espírito que a galeria e o leilão chegam ao Espaço Mari Stella Tristão, no Palácio das Artes. Por meio de um humor anárquico, cáustico e irônico, as duas ações lançam questões a respeito dos diferentes lugares ocupados pela arte na sociedade contemporânea. Nesse sentido, além de abrir espaço de visibilidade para um grande número de artistas e trabalhos, a Galeria e o Leilão de Arte Piolho Nababo R\$1,99 surgem como estímulos para que novos públicos possam vislumbrar o consumo de trabalhos artísticos — sobretudo quando consideramos o abismo entre os preços geralmente praticados dentro do nosso leilão e das demais instâncias relacionadas ao circuito comercial de arte contemporânea.

Em total alinhamento com os ideais de democratização da produção artística situam-se as duas ações, confiantes no potencial provocador, questionador e transformador da arte, muitas vezes relegada, infelizmente, ao papel de mera mercadoria ou investimento.

Coletivo Piolho Nababo













"Vou falar um pouco da minha experiência como curador da exposição. Tenho ficado aqui muito tempo, e tenho visto os trabalhos chegarem, os artistas chegarem. O Desali falou que precisava de um curador que não entendesse de arte. Isso muda o papel do curador. Qual é o papel desse curador? O que eu estou fazendo aqui?

Vejo que meu trabalho tem a ver com aceitação: o artista chega, e eu recebo. Essa ausência de seleção traz, então, aceitação. Eu acho engraçado porque alguns artistas chegam perguntando se podem expor os trabalhos e, antes mesmo de ver as obras, eu já sei que vou falar: 'Pode'.

É uma galeria muito imprevisível. As coisas vão acontecendo, e você não sabe bem. Eu fico sentado ali, vejo alguém chegar com um embrulho e fico pensando 'O que é que vem lá?'.

Na hora do leilão, por outro lado, é o público que volta como curador, em um lugar muito cruel. O que se tem é o público-mercado voltando como esse curador que finalmente decide a sobrevivência das obras. Tem o primeiro curador, que recebe as obras que serão expostas, e depois tem o público-mercado, que vem como curador da sobrevivência da obra. Aí, então, o capital se impõe.

Chegamos então ao valor da arte. Qual é o valor da arte? Quanto vale?"

Gustavo Damasceno Curador convidado

IU

TERMO LIVRE DE PARTICIPAÇÃO NO LEILÃO DE ARTE PIOLHO NABABO RS1,99

, (estado	civil), portador da cédula de identidade nº
-	inscrito no CPF sob n°, residente à
DECLARO ser autor do(s) trabalho	(s) artístico(s) abaixo relacionado(s) e AUTORIZO a participação do(s) mesmo(s)
	o Nababo RS1,99 - sediada, entre os dias 13 de fevereiro e 12 de março de 2014, no
	io das Artes (av. Afonso Pena, 1.537, centro, Belo Horizonte - MG, CEP 30.130-
004) – e no Leilão de Arte Piolho N	Nababo R\$1,99 - a ser realizado no dia 8 de março de 2014, no Espaço Mari'Stella
	eço supracitado) - como parte integrante do projeto nº 134, aprovado no Edital de
	3/2014", para ocupação das galerias da Fundação Clóvis Salgado. Nesse sentido,
	no artístico abaixo relacionado pelo preço minimo de R\$1,99 (hum real e noventa e
	Arte Pielho Nababo RS1,99, sendo todo o valor arrecadado com esta(s) venda(s)
destinado a mim por meio de pa	gamento via depósito bancário em Conta, Agência, Banco
, Titular	. Caso o(s) mencionado(s) trabalho(s) artístico(s) não
	METO a retirá-lo(s) no Espaço Mari'Stella Tristão do Palácio das Artes (endereço
	de 2014, sob pena de destruição do(s) mesmo(s) no dia 13 de março de 2014. Por
	, assino o presente termo em duas vias de igual teor e forma.
Relação de trabalhos cedidos à part	icipação no Leilão de Arte Piolho Nababo R\$1,99
and the same and t	reprine the mental of the Property of the Prop
1)	
-7)	
2)	
5)	
Selo Horizonte , de	4.404
Assinatura:	de 2014
elefone:	
The state of the s	
Part and the Control of the Control	
estemunnas:	
The state of the s	Assinatura:
l'estemunhas: Assinatura: Home:	Assinatura: Nome:











Lista de artistas participantes

Adélia Soares Adriano Melo Alessandro Aued Alessandro Lima de Menezes Alexandro Maciel Ana Bárbara Alvarenga

Ana Bárbara Alvarenga Ana Carolina Cunha Ana Flávia Carvalho Ana Paula Mendes Silva André Anderson

André Pires Guerra Aguiar

André Murta Andréa Azzi Antônio Augusto Neto Ariane Araújo Arthur Camargos Arthur Franco Moreira Arthur Schindler

Artur Bicalho
Bernardo Biagioni
Bruna Oliveira
Bruna Sousa Gusmão
Carla Reis Pereira
Carla Soares

Carlos de Oliveira
Carlos Queiroz
Carolina Santana
Cássio Marcelo
Celso da Silva
Christiane Martins
Cidnelson Alcântara
Clara Pinto Coelho
Clara Valente
Clarice Steinmüller

C. L. Salvaro
Cristiano Araújo Coelho
Cristina Machado
David de Moura Ferro
Daniela Marques
Dentin

Duca Eduardo Gonçalves Resende Eduardo Pavão

Elaine Dellareti Elisa Gonçalves

Emanuel Eustáquio Resende

Erica Si Erico Ricardo Felipe Costa Silva Felipe Giubilei

Felipe Godoy

Fernando Barbosa e Silva

Fernando Hermógenes Fernando Lustosa Rubião

Flávio Cro Fred Triani Frederica Quairoz

Frederico Queiroz Geralda de Fátima Gabriel Rocha Naves Georgton Dias da Silveira Geraldo Peixoto Gilberto Macruz

Gilberto Wanderlei de Jesus

Gilmara Oliveira
Giordane Vasconcelos
Gislaine Pereira
Giulia Puntel
Guilherme Aguiar
Guilherme Augusto Mesquita

Guilherme Bita
Gustavo Mackenzie
Gute Brandão
Hector Bermejo

Helder Henriques Cavalcante
Helio Ornelas Queiroz
Henry Pablo Viana Santos
Hermes Perdigão
Hevelen Cristina
Heyde Jeanne
Igor de Oliveira Reis
Igor Goncalves Pimenta

Igor Gonçalves Pimenta Ilma Silvério Iris Sobral Isabela Ferreira Jade Toledo Marra Jaider Laerdson Miranda

Jaklins
Janice Lima
Jayme Martins Soares
Jéssica Marroques
Jésus Guilherme Filho
João Maciel
João Perdigão
John Viana Moraes

John Viana Moraes José Newton Lopes Jr. José Pereira Araújo Lima

José Junior José Senna Julia Fagundes Juliane Stäel Novaes Julio Cesar Aristizabal

Julio Cesar Aristizabal Julio Ken Jullyanna Stéfany Kézia Fernandes Telles Laís Sobral Laura Belisário Leo Ayres

Letícia Magalhães Duarte

Lilian Souza
Luana Alencar
Luana Fernandes
Luana Vitra
Lucas Almeida
Lucas Arabi
Lucas Kröeff
Luciana Angélica
Luciano Alves Mendes
Luis Henrique Vieira

Luis Humberto Beoloya Luis Otávio Coura Luísa Lopes Greco Luiz Bavoso Neto Madana Mohana Maga Magritte

Marcel Magno de Melo Inácio

Márcio Oliveira
Márcio Otávio Pereira
Marconi Marques
Marcos Leonel Soares
Maria Angélica Pereira
Maria Cristina Froes
Maria Filomena Gomes
Maria José Espírito Santo
Maria Luiza Gonzaga Garcia
Maria Tereza Penna

Maria Vaz
Marianne Stoklasa
Marinna Gomes Vieira
Marlene Reis Barbosa
Matheus Rocha
Millene Vilela Rocha
Milton Afonso da Silva
Moisés Sena
Mônica Maria de Araújo

Nirse Marques Osmar de Jesus Nazário Pablo Caldeira Patrik Mendonça Borges

Paulo Peixoto
Patrezi
Patrícia Ferreira

Patrícia Ramos Pedro Virgílio Rafael Alexandre da Cruz Rafael Fernandes

Rafael Gaia

Randolpho
Raquel Schembri
Raul Sampaio
Renata Gandra
Ricardo Ferreira Júnior
Robson Ferreira
Rosalba Mello
Rosaly Perdigão
Rosane Mota
Sara Lambranho

Sara Ramos
Sérgio Barbosa Pacheco
Sérgio Luiz Oliveira
Severino labá
Silvia Graziella Miccoli
Simone Mourão
Sonia Cristofaro
Stefanie Morreale Diniz
Sylvia Amélia
Terezinha Barbosa
Thales Pimenta
Thayná Cristiny

Thiago Alves da Costa Thiago Duarte Flores Thiago Teixeira Campos Ticiano Marquetti Tucuxi Uendel Dias

Valdelir Antônio de Oliveira
Valeska Magalhães
Valmir da Silva
Verônica V
Victor Galvão
Vital Lordelo
Vitor Hugo Moreira
Vitoria Régia Lima Veiga
Waldney Guedes
Wellington Sila Gonçalves
Weverton Ferreira de Carvalho

Wilian Passos Pereira Xikão Xikão

Zélia Miranda de Resende















"A gente discutiu muito sobre esse projeto, e eu acho que ele tem um papel importante, sobretudo porque estamos em uma instituição de arte, uma instituição pública. Muitas vezes a gente se esquece desse adjetivo, e ele vira só um adjetivo banal, sem significado. Um dos pontos que acho fortes nesse projeto é o resgate dessa idéia de público, de espaço público, da instituição pública. É a capacidade de trazer isso à tona, evidenciar isso – não somente no sentido celebratório, mas no conflituoso também.

A gente sabe que essa palavra, "pública", não é uma palavra fácil, que leve ao apaziguamento ou a soluções, mas, sim, à possibilidade de testar limites. Esse projeto se apresentou, desde o início, testando os limites da instituição e da idéia de público dentro da instituição. O que se propunha, ali, era uma exposição que não tinha forma - que nunca teria, e nunca terá. Como, então, a instituição aceita fazer uma exposição da qual ela não sabe os artistas, não conhece a expografia ou a museografia? Outra questão importante se refere às demandas. Todo lugar que se propõe a ser um lugar de discussão e exibição da arte contemporânea tem que estar disposto e atento a lidar com novas demandas. Nesse sentido, uma qualidade desse projeto é trazer demandas novas para a instituição, levá-la a lidar com situações que não fazem parte do seu

cotidiano. Levá-la a buscar soluções que precisam ser legais, no sentido ruim da palavra, no sentido burocrático – legalmente viável. Acredito que isso gera um trabalho novo para a instituição, e ela cresce com isso.

O terceiro ponto é justamente essa relação entre exibição e mercado. Estamos aqui em um espaço que negligencia essa função, no sentido de não comportar venda ou compra de obras de arte. Ele é um lugar somente para exibição. Esse projeto também traz essa tensão, uma tensão entre a obra de arte e o mercado. Essa é uma tensão que todo mundo experimenta, sendo artista, curador ou crítico. Uma relação muito conflituosa, e que raramente é saudável. Esse trabalho evidencia esses limites e traz isso à força para a instituição, como essa ocupação performática. O que constrói, aqui, é um mercado performático, talvez selvagem — sábado nós saberemos.

Outro ponto é essa questão da abertura radical, da falta de seleção como uma premissa do trabalho. Isso é muito interessante, porque a gente vive sofrendo seleções, a vida inteira. Então, essa é uma obra subversão que esse projeto traz: ele desconstrói essa idéia de uma seleção baseada em supostos critérios de qualidade, importância, contemporaneidade e outras palavras-chaves de

editais. Ele desmonta isso e afirma "Não ha seleção". A aceitação surge, então, como uma inversão de poder. Normalmente o poder está ligado a 'Eu posso dizer não'. Mas aqui tem esse ponto da aceitação, da generosidade, do afeto. Isso também desconstrói essas premissas institucionais, essa carga institucional que a gente sofre — e a palavra é bem essa: "sofrer".

Também me parece interessante pensar na história do colecionismo, nesses lugares que trazem uma demanda de como dispomos as coisas no espaço, como criamos convivências e acumulamos coisas afetivas. Temos aqui um gabinete muito estranho, um gabinete de curiosidades muito atual. Poderíamos estar, aqui, num átrio do século XIX, com o colecionador sentado em sua poltrona, o cachorro no chão e a coleção atrás. Gosto dessa atualização histórica, que desconstrói essa aura do colecionador como esse cara que vai comprar a coisa certa na hora certa. Aqui é o lugar de experimentar outros fluxos da produção artística, do mercado, da subjetividade, da afetividade com os trabalhos e de uma experiência espacial muito potente"

Renata Marquez

Pesquisadora, curadora independente e integrante do júri do Edital de Seleção "Artes Visuais da FCS 2013/2014". "Quando entrei aqui, tive uma sensação muito boa. Acho que foi porque o espaço, a ocupação, me transmitiu uma experiência de afetividade. E porque, dentro de uma situação de mercado atual, essa afetividade geralmente é o que menos existe. É curioso reconhecer que, dentro de uma relação em que você comercializa obras de arte, expressões humanas e modos de enxergar o mundo, normalmente não existe espaço para afetividade. Aliás, acho que esse é um componente do qual a humanidade como um todo está muito carente — cada vez mais carente. E acredito que uma das forças transmutadoras que esse projeto trouxe para dentro dessa instituição tem muito a ver com essa carga afetiva.

Uma carga afetiva que se manifesta ao derrubar qualquer possibilidade hierárquica, quaisquer critérios que, como nós sabemos, no campo da arte, sempre se impõem por meio de uma forca altamente autoritária e geralmente violenta. Nós todos sabemos que as seleções, dentro do campo da arte, são eminentemente excludentes: tem sempre quem fica de dentro e quem fica de fora. Eu, claro, já participei de várias dessas seleções, e uma coisa que me afeta muito é a falta de compromisso, afetividade e respeito com as pessoas que são excluídas — até mesmo porque elas são excluídas devido a critérios com os quais não têm contato.

E, num país como o nosso, tão carente de instituicões que invistam na preservação dos seus espaços públicos, ou ainda de espaços públicos abertos a manifestações artísticas e culturais, é quase criminoso você propor uma seleção e não justificar os porquês de quem entra e de quem sai. Porque isso dá um poder a quem está selecionando, à instituição que está selecionando, e imprime ao selecionado um poder totalmente falso, que não existe. Cria-se, então, uma hierarquia que, ao invés de estimular o campo da arte, acaba atrapalhando mais ainda, porque o que entrou vai se sentir ótimo, e o que não entrou vai se sentir uma bosta – sem saber porquê.

Dentro desse emaranhado de situações obscuras e perversas, nós temos um claro sintoma dessa falta de afetividade. Falta que, no meu entender, surge de uma maneira muito paradoxal, muito contraditória. Desde sempre, ao longo de toda a minha dedicação ao campo da arte, eu entendi o ato artístico como um ato afetivo – e não importa o que ele crave como conteúdo. Não importa que seja raiva, protesto ou apenas um agradecimento, uma homenagem: a afetividade é uma das formas mais fundamentais, mais viscerais dentre as que movem um ser humano a ocupar esse lugar da criação. E a afetividade daquele que está atuando artisticamente é muito facilmente detectável no desejo que ele tem de compartilhar o próprio trabalho. Ninguém faz um desenho, uma pintura, ou trabalha uma imagem num sentido artístico apenas para quardar para si. Imediatamente junto à vontade de criar, vem a vontade de mostrar o que se está criando

Tenho percebido que a arrogância e a violência das regras do mercado têm sido sobremaneira legitimadas pelas próprias instituições. A própria Renata fez essa referência ao valorizar esse evento quase como uma pedra no sapato de uma instituição que está muito acostumada a essa situação violenta, excludente, de mercado, onde a própria instituição se dá ao direito de escolher o que é bom e o que é ruim. Na verdade eu não agüento mais, estou de saco cheio da reprodução e da reprodutividade desse sistema, sempre por um grupo de pessoas cujo poder político ou econômico lhes permite dizer o que é certo, o que é errado, "você entra", "você não entra", "isso é arte", "isso não é arte".

Quando entro num lugar como esse, a primeira vontade que tenho é de relaxar. E simplesmente esquecer toda a bosta que tenho sido obrigado a ler e ouvir. Ficar aqui, tranqüilo, ativar apenas a minha afetividade, e usá-la como um fio condutor para um passeio descompromissado, despretensioso por essa situação que me foi colocada. Fico muito feliz com a possibilidade de isso estar acontecendo aqui e agora"

Marcos Hill

Pesquisador, professor e coordenador do Centro de Experimentação em Imagem e Arte (CEIA)





"Essa relação ente arte e mercado é uma coisa que eu nunca entendi muito bem, e vejo como um ambiente cheio de questões nebulosas. Na minha formação, foram muito raros os momentos em que discuti isso dentro da escola ou mesmo com meus amigos. E eu não acredito que seja uma falha da escola, mas acho que ninquém sabe muito sobre isso. Até mesmo quem faz parte do mercado não sabe muito bem como funciona – ou então não abre o jogo. Essa conversa faz parte das coisas que fico pensando quase diariamente, discutindo essa relação entre mercado e arte, uma coisa tão estranha. Eu fico pensando que o mercado é um sistema que tem comandado quase todas as esferas da vida. Tudo fica mediado pelo mercado: a moda, cultura, os gostos, os modos de pensar. O dinheiro vem das empresas ou do Estado – então o dinheiro vem sempre desses lugares de poder. E quem trabalha com dinheiro faz investimentos, busca estabilidade. O mercado busca a estabilidade e não o risco.

O mercado da arte está cada vez mais estabilizado, com suas feiras, galerias e bienais. E cada vez menos esses espaços aceitam correr risco, por motivos óbvios: eles não querem ter prejuízo. Fico sentindo que o mercado cria as próprias demandas, e busca de alguma maneira um artista dócil, servil e fácil. Fácil de controlar, que não vai dar muito trabalho.

Nesse sentido, o mercado também, às vezes, modela um estilo de artista, cool, superbacana, descolado, que fala inglês, viaja bastante. E dentro desse processo a especulação acontece, como dentro de qual-

quer mercado. O artista, claro, também quer ganhar dinheiro, não só porque quer sucesso, mas porque precisa pagar as contas. Mas me parece guase sempre que o artista é a peça mais frágil desse sistema. Uma vez, por exemplo, fui à abertura de uma exposição, e parecia que a arte era a coisa menos importante do processo. Tudo em volta parecia ter mais importância: curador, catálogo, jornalista, coquetel, iluminação e por aí vai. E às vezes sinto mesmo que a arte está em segundo plano dentro desses processos. Muitas vezes, parece que ela é só uma ferramenta de especulação, para ganhar dinheiro mesmo. Se o mercado é quem define as regras, e o artista esta à deriva, ele acaba sendo obrigado a se submeter. Mas a arte é um lugar que condensa experiências para proporcionar outras experiências, um espaço de descontrole, que tira as pessoas do lugar comum, desestabiliza as formas como a gente conhece e se relaciona com as coisas. Se o trabalho de arte vira uma mercadoria, um produto, nesse grande supermercado, essa potência subversiva de deslocamento acaba se perdendo um pouco. Como é, então, que a arte pode se comportar dentro desse espaço controlado, dentro dessa demanda de mercado, junto com outros artistas que estão remando junto?

O que acho interessante em projetos como esse é que eles desarticulam um pouco esse sistema, e vão trabalhar dentro de uma coletividade para pensar outras formas. A gente não pode acreditar que a arte deve entrar de cabeça nesse mercado, pois se isso acontece corre-se o risco de perder a alma da coisa. Como, então, a gente pode pensar novas propostas artísticas contra esse esvaziamento que o sistema cria, contra a transformação da arte em produto — e, ainda assim, pagar o aluguel?"

Brígida Campbell

Artista, pesquisadora e coordenadora do Espaço Experimental de Arte (EXA)





















'QUANDO VOCÊ VAI A UM LEILÃO NORMAL, É DE-PRIMENTE'

"Eu acho que esse leilão recupera a dimensão lúdica, da brincadeira. Tudo o que é científico, financeiro, econômico, é muito sério. Não pode correr risco, porque o está se visando é o lucro. Se alguém investe dinheiro, quer receber o triplo, o quádruplo, o quíntuplo. Infelizmente os discursos de muitas instituições públicas incorporam essa seriedade babaca. A gente entra aqui e vê acender a brincadeira, o lúdico., uma característica que tem marcado o Piolho Nababo desde o início, e que deve ser preservada.

Acho muito interessante o resgate da possibilidade de que uma pessoa que tem empatia por uma imagem possa ter essa imagem. Isso tem muito poder, muita forca. Porque na nossa sociedade, quem tem condições de comprar uma imagem e só quem tem muito dinheiro no bolso. E compra essas imagens por várias razões – cada vez menos razões afetivas. empáticas, que são intrínsecas ao fazer artístico, e cada vez mais razoes adversas ao artístico. Compra--se para lavar dinheiro, para fazer investimento, para ganhar em dois anos o triplo ou quádruplo daquilo. Quando você vai ao leilão normal, é deprimente. E um espetáculo horrível, horroroso, dantesco. Ali são vinculados vários jogos, e a coisa menos importante é a arte. O que é valorizado é o valor da obra, da assinatura, a pintura que o amigo empresário tem para tensionar a política da aparência e da ostentação.

São vários os jogos que acontecem em um leilão, e eu acredito, hoje, que não e possível uma pessoa entrar num leilão e arrebatar uma obra somente porque gostou. Esse colecionador talvez não exista mais. O colecionador de arte, hoje, é aquele que tem uma consciência muito clara do mercado de arte."

Marcos Hill

Pesquisador, professor e coordenador do Centro de Experimentação em Imagem e Arte (CEIA)

'TODO MUNDO ESTÁ SOB O RISCO DE DESCOBRIR QUE O PRÓPRIO TRABALHO NÃO VALE NADA'

"Trata-se de um trabalho totalmente fundamentando na ironia. E essa história de destruição surge como um ensaio da tragédia, do risco, que é performatizado no leilão e tem muita importância. Todo mundo está sob o risco de descobrir que o próprio trabalho não vale nada, sob o risco de que esse trabalho seja destruído pelo mercado, pelo outro artista. Essa tragédia que nos atravessa é um ensaio performático muito interessante e importante de se viver. A gente vem ao leilão e sofre com todos esses estados: a ironia, a tragédia, a paixão"

Renata Marquez

Pesquisadora, curadora independente e integrante do júri do Edital de Seleção "Artes Visuais da FCS 2013/2014".

A GALERIA ITINERANTE: UMA VISITA À OCUPA-ÇÃO WILLIAM ROSA

"Chegamos na ocupação William Rosa com a proposta de construir uma galeria de arte. Os moradores nos disseram que aquela seria a semana de comemoração dos cem dias da ocupação. Humm: encaixe perfeito! A galeria seria parte das outras atividades que já estavam programadas. Bom, a nossa ideia era construir um barraco de madeira, deixá-lo aberto, pendurar as obras do acervo Piolho Nababo e então ir embora. No todo, algo semelhante a uma escultura, a uma instalação.

No comeco tivemos algumas dificuldades para encontrar o material de construção. Nem o lugar da Galeria estava certo: a coordenação nos ofereceu uma salinha já construída na região onde já se encontram um salão para eventos, uma cozinha coletiva, o lugar onde será a futura creche e a futura biblioteca. E uma moradora gentilmente nos cedeu um lotezinho que dava para uma rua onde, como podíamos ver enquanto conversávamos com ela, pessoas passavam o tempo todo. Imediatamente compreendemos que deveria ser ali: lugar de passagem, as pessoas passariam e veriam a galeria, com apenas três paredes, ficando aberta na frente. Junto com o lote, a moradora também nos cedeu o material os morões e o madeirite, e ainda trabalhou conosco, junto de outros moradores que nos ajudaram, ao que parece, sem compreender muito bem o que estávamos fazendo ali.

Discutindo a disposição das paredes enquanto construíamos, alguns moradores nos interrogaram a respeito da porta. "Mas não tem porta, a galeria é aberta", respondemos. Era engraçado: eles nos olhavam um pouco assustados, diziam "mas aí vão levar as coisas". Nossa resposta foi mais ou menos assim: "se levar, levou". Soou pouco sério. Então, após novas insistências para fechar a galeria, trancá-la com chave, tivemos de dizer: "bom, vamos fazer assim, vamos dar um voto de confiança, deixamos o espaço aberto; se quando voltarmos aqui encontrarmos metade das obras, aí a gente vê o que faz". O assunto ficou nisso. Quando fomos embora no segundo dia, o

barraco terminado e as obras na parede, quase como se fizéssemos um experimento, contamos as obras, eram 26. Três dias depois, quando voltamos para dar as oficinas, logo na chegada, contamos os quadros nas paredes para conferir: eram os mesmos 26.

Essas oficinas não estavam nos planos. A ideia era construir a galeria, inaugurá-la e ir embora. Mas alguns moradores nos perguntaram enquanto a gente se despedia: "quando é que vocês vão voltar aí pra ensinar a gente a pintar?" Ahnnn... éer... olhamos um pra cara do outro: "ehh, na sexta-feira", alguém disse. E assim comecaram oficinas.

Basicamente, a gente comprou tinta, pincéis, montamos as telas com caixas de frutas e americano--cru; explicamos como fazer as cores a partir das três cores básicas e pronto. Na verdade, voltamos lá iá na quinta, para divulgar, conversando com as pessoas, as oficinas que deveriam comecar no dia sequinte. Duas criancas que moram em frente a galeria passaram a tarde conosco, produzindo: desenhando, pintando, tirando fotos. No fim desse dia apareceram de repente outras 7, 8, 9 criancas. E assim foi nos outros três dias: as criancas misturando tintas, pintando tela, corpo, carrinho, mesa, parede, filmando e tirando fotos que, como vocês podem ver, ilustram bastante esses processos de produção, esses encontros, essas atividades artísticas, educativas e outros nomes mais"

> Gustavo Damasceno Curador convidado











Governador do Estado de Minas Gerais: Antonio Anastasia Vice-governador do Estado de Minas Gerais: Alberto Pinto Coelho Secretária de Estado de Cultura de Minas Gerais: Eliane Parreiras

Secretária Adjunta de Estado de Cultura de Minas Gerais: Maria Olívia de Castro e Oliveira

FUNDAÇÃO CLÓVIS SALGADO

Presidente: Fernanda Medeiros Azevedo Machado

Chefe de Gabinete: Renata Bernardo Diretora Artística: Edilane Carneiro

Diretora de Ensino e Extensão: Patrícia Avellar Zol

Diretora de Marketing, Intercâmbio e Proietos Institucionais: Cláudia Garcia Elias Diretor de Planeiamento, Gestão e Financas: Luiz Guilherme Melo Brandão

Diretora de Programação: Fabíola Moulin Mendonça

Gerente de Artes Visuais: Tatiana Cavinato

Assessora da Gerência de Artes Visuais: Ana Cristina Lima Chefe de Departamento de Artes Plásticas: Karolina Penido Chefe de Departamento do Centro de Arte Contemporânea e

Fotografia: Rodrigo Gonçalves da Paixão

Produtor: André Murta

Assessora de Produção: Camila Batista Analista Cultural: Fernando Pacheco

Apoio Administrativo: Darkan Viana Almeida e Jairo de Oliveira Montagem: Edivaldo Gomes da Cruz e Ronaldo Braz da Silva **Estagiários:** Cristina Lima Cardoso, Leandro Duarte e Mônica Santiago

Coordenadora do Programa Educativo: Fabíola Rodrigues

Educadores: Ana Carolina Ministério, Ana Maria Martins, Claudinéia Coura, Clarita Gonzaga, Daniela Marques, Eduardo Rocha, Elisa Reis, Eugênio Macêdo, Fabiane Barreto, Geraldo Peixoto, Gerson Castro, Gustavo Mackenzie, Janete Fonseca, Janice Rosa, Luciana Coelho, Naíra Duarte,

Paulo Peixoto. Rita da Matta. Samir Lucas e Tânia Mateus.

Assessora-chefe de Comunicação Social: Liana Caldeira B. Rafael Coordenadora Geral de Assessoria de Imprensa: Júnia Alvarenga

Assessoria de Imprensa e Mídias Digitais: Gabriela Rosa, Maria Elisa Pompeu, Vítor Cruz, Paulo Melo, Paulo Lacerda (fotógrafo), Larissa Batista (assistente de fotografia), Amanda Almeida (estagiária) e Patrícia Henrique (estagiária)

Publicidade: Samanta Coan, Ricardo Teixeira, Yasmin Moura e Caroline Gischewski (estagiária)

Relações Públicas: Sílvia Bastos e Lucas Ferreira (estagiário)

Assistente de Comunicação: Thiago Amador Revisão Editorial: Maria Eliana Goulart

GALERIA DE ARTE PIOLHO NABABO

Concepção: Warley Desali e Froiid K e Daniel Toledo Performance: Filipe Jaime e Gustavo Damasceno

Parceria: JA.CA e Trem Chic

LEILÃO DE ARTE PIOLHO NABABO R\$1,99

Concepção: Warley Desali, Froiid K e Daniel Toledo Performance: Daniel Toledo, Ed Marte e Gustavo Damasceno **Coordenação:** Warley Desali, Froiid K, Filipe Jaime e Patrezi

Bandas convidadas: Absinto Muito e Ü

Parceria: JA.CA e Trem Chic

Design Gráfico: Yannick Falisse e Patrícia Rezende

Estas empresas acreditam na cultura e patrocinam a Fundação Clóvis Salgado em 2014

Patrocínio Master











Promocão









Apoio





Parceria

Realização





Ministério da **Cultura**



